

Telma Lopes, uma artista visual nata

Ilka Cristina Diniz Pereira¹
Universidade Federal do Maranhã (UFMA)
ilka.pereira@ufma.br

Resumo: Telma Lopes constrói uma trajetória artística profundamente enraizada na memória, no território e na experiência afro-brasileira. Desde a infância no Maranhão, sua produção dialoga com o cotidiano e se expande em práticas estéticas e políticas ligadas às lutas sociais. Sua obra ganha força ao representar mulheres negras históricas, como Maria Firmina dos Reis, resgatando memórias invisibilizadas. A artista transforma o espaço urbano em lugar de denúncia e visibilidade. Sua arte articula pertencimento, resistência e reconfiguração da identidade visual negra.

Palavras-chave: Arte afro-brasileira; memória; território; mulheres negras; representação.

Telma Lopes, a Natural Visual Artist

Abstract: Telma Lopes builds an artistic trajectory deeply rooted in memory, territory, and Afro-Brazilian experience. From her childhood in Maranhão, her work engages with everyday life and expands into aesthetic and political practices connected to social struggles. Her art gains strength through the representation of historical Black women, such as Maria Firmina dos Reis, recovering silenced memories. The artist transforms urban space into a site of visibility and resistance. Her work articulates belonging, memory, and the reconfiguration of Black visual identity.

Keywords: Afro-Brazilian art; memory; territory; Black women; representation.

Telma Lopes, é o que se pode chamar de uma artista visual nata. Ainda pequena, na ilha de Pedras, em Humberto de Campos - Maranhão, sem escola para estudar, brincava desenhando nas areias da ilha. Seus desenhos entretidos na magia e mistério do lugar representavam o seu cotidiano: casas, peixes, árvores etc. Após a mudança para São José de Ribamar, continuou a representar o cotidiano da sua infância, mas, agora, com outros elementos que envolviam os desafios de estudar e morar em um novo lugar, juntamente com as fugas pelos quintais dos vizinhos “para fazer arte”. Usava de tudo um pouco: conchas, folhas, galhos de árvores e tudo o que fosse encontrando pelo caminho que fizesse sentido àquela pequena, mas expansiva consciência do lugar que habitava.

¹. Doutorado em educação. Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/8134119717589271>.
Orcid . <https://orcid.org/0000-0001-6150-7583>

Ao entrar no Laborarte, Laboratórios de Expressões Artísticas, na década de 1970, formado por jovens artistas experimentando outras formas estéticas e políticas em plena Ditadura Militar, conseguiu aliar a sua relação de pertencimento com o local, com o território, dentro de uma formação plural a partir das várias linguagens artísticas. Assim, é no Laborarte que as causas sociais passam a ganhar outra dimensão.

Desse modo, as lutas pela terra, pela educação, pela saúde, pela defesa dos direitos humanos estavam densamente entranhados na sua arte, em trabalhos realizados como peça “ Te gruda no meu fofão”, exposições realizadas na Galeria Nage Lages, Inês Santana. Essa consciência política e étnico-racial são reforçadas, quando já no Rio de Janeiro, em outro processo de formação profissional, decide pintar mulheres negras, e não o tradicional europeizante das mulheres brancas, “caudilhosamente” internalizados nas escolas de arte. Era preciso mudar as regras do jogo para que pudesse avançar mais na descrição visual da nossa estética: dos nossos lábios, do contorno da nossa face, dos ossos salientes, da nossa expressão quando estamos alegres, tristes, revoltadas etc.

É assim que o retratar mulheres negras saltam na sua vida. Havia uma lacuna, uma falta em retratar mulheres que desafiaram as regras do tempo no estado do Maranhão. Desse modo, pintou, grafitou Dona Teté (Mestra do Cacuriá de Dona Teté), Maria Aragão (Médica e líder Comunista) e Maria Firmina dos Reis (Primeira romancista negra brasileira) em tempos diferentes, não na ordem cronológica dos seus nascimentos.

É assim que Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista negra brasileira/maranhense, direcionadamente esquecida por mais de um século, passa a acompanhar as inquietações da artista. Como foi possível “escondê-la” durante tanto tempo da “sua gente” e das “outras gentes” ??? Como uma mulher negra, em um contexto quase impossível para poder estudar, torna-se escritora e, mesmo assim, as narrativas oficiais tratam de invisibilizá-la? É nesse contexto que decide colocá-la em destaque. Em exposição. Em lugares onde todos pudessem vê-la e desejassem conhecer a sua história. Quem é? O que fez? Da onde vem? É artista, escritora? Por que está aí?

Para toda essa empreitada escolheu a rua como principal vitrine. Lugar onde todo mundo circula, conversa só, dialoga com os outros, com o que vê nas paredes; gosta, não gosta, passa, mas não fica indiferente. Assim, é possível encontrar a jovem Maria Firmina nas esquinas e becos de São Luís do Maranhão, bem como na principal e triste vitrine localizada na praça das Mercês, no Monumento da diáspora africana. Lá é possível compreender, ainda mais, a grandeza dessa mulher, ao se deparar com um painel que mostra em dados quantitativos, o número de negros e negras trazidos à força para o Brasil, suas nações, e quantos resistiram às brutalidades vivenciadas ao longo das tenebrosas viagens realizadas no período compreendido entre 1693 a 1841.

Maria Firmina está lá por isso! Para denunciar essa tragédia histórica com a população negra, mas, principalmente, denunciar toda e qualquer violência contra a mulher negra; seja apagando a sua história ou expondo-a a situações humilhantes e vexatórias.



Figura 1 Foto Telma Lopes